
A ESCRITA ACADÊMICA NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO

Karla Santos Cherem¹
Thamires Aparecida Hipólito²

INTRODUÇÃO

O processo de transição dos alunos da fase de escolarização básica para a graduação não é uma experiência simples. Trata-se de dois âmbitos de ensino-aprendizagem, contudo com práticas de letramento diversificadas e com diferentes perspectivas em relação à linguagem. O assunto se torna ainda mais complexo por se tratar de maneiras novas de pensar, produzir e interagir, com novas estratégias para a construção de conhecimentos. Ou seja, a entrada na universidade pode ser considerada como um complexo processo de aculturação dos estudantes, que exigirá um constante trabalho de interação entre os professores e eles. Esse processo irá requerer dos alunos uma nova postura e novas formas de adquirir e expressar seus conhecimentos.

Confrontando o pressuposto que o ingresso ao ensino superior é acompanhado de desenvoltura dos estudantes no que diz respeito à escrita de gêneros acadêmicos, este texto tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre o letramento acadêmico, os desafios e possibilidades que ele orienta. Para isso, analisamos excertos de relatos de estudantes do 1º período de um curso de licenciatura sobre práticas de leitura e escrita vivenciadas na universidade. Estes relatos foram produzidos na disciplina de produção textual na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Neste ensaio, entendemos a escrita como uma expressão cultural e não apenas uma habilidade técnica e que a escrita acadêmica não se resume apenas ao domínio textual, mas representa “uma forma de construção de conhecimento de atores socialmente situados. As universidades são tomadas como lugares constitutivos de identidades em que se valorizam os significados sociais de práticas linguísticas” (SILVA, BOTELHO e OLIVEIRA, 2021, p.583).

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

² Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

O trabalho foi organizado em quatro seções: a primeira aborda a concepção de letramento; a segunda traz reflexões sobre os fundamentos do letramento acadêmico; a terceira apresenta os excertos com base nos autores citados e, finalmente, a quarta dedica-se às considerações finais.

1 LETRAMENTO E GÊNEROS TEXTUAIS: COMPLEXIDADES E MULTIPLICIDADES

Letramento surgiu do vocabulário inglês: *literacy*, que significa a capacidade de ler e escrever (ARAÚJO; SILVA, 2012). Saber ler e escrever no Brasil significa ser alfabetizado, compreensão que distancia significativamente da perspectiva de letramento. Diante do pensamento de Rojo (2001), pode-se definir hoje o letramento acadêmico como um “conjunto de práticas sociais ligadas, de uma ou de outra maneira, à escrita, em contextos específicos, para objetivos específicos” (ROJO, 2001, p. 235).

O campo de estudos sobre o letramento preocupa-se, de modo geral, em investigar sobre a escrita e seus usos sociais. O conceito de letramento é amplo, segundo Terra,

[...] é tido hoje como um fenômeno social complexo e heterogêneo. Tais características se justificam principalmente quando levamos em conta que, na investigação dos elos entre escrita, sociedade e indivíduo, são colocadas em pauta inúmeras e importantes questões, de diversas ordens, que, por sua vez, tornam-se objeto de análise sob diferentes pontos de vista. Desse modo, são múltiplas as implicações, teóricas, empíricas, profissionais e políticas, que têm engajado pesquisadores e estudiosos, de variadas áreas do conhecimento, em um vigoroso debate, genuinamente interdisciplinar, em busca de caminhos que possam lançar luz ao balizamento desse campo de estudos (2013, p. 30).

É equivocado definir o letramento em uma perspectiva ‘individual’ das práticas de escrita. Ao consumir isso, o indivíduo é capaz de esquecer que a vida social é atravessada por linguagem de múltiplas e inúmeras formas e destinada a diferentes usos. Nela, estão presentes gêneros diversificados que são lidos, escritos, falados, ou seja, a linguagem é praticada por diferentes sujeitos nas mais diversas atividades sociais, norteadas a partir de finalidades, funções, necessidades e interesses, ainda que a compreensão de que alguns textos são considerados modelos padronizados e, por isso, mais legitimados que outros, socialmente.

Compreender que há diversas práticas de letramento na sociedade nos impede de simplificar o conceito da palavra, limitando a ser ou não ser um indivíduo letrado. Desta forma, definir letramento é reduzir sua essência, visto que “para algumas pessoas, ser letrado pode significar, por exemplo, ter a capacidade de trabalhar em um escritório; para outros, no entanto, significa ser capaz de escrever uma carta para amigos e/ou familiares; já para outros, ser letrado é ser capaz de assinar o seu próprio nome, e assim por diante” (TERRA, 2013, p.32).

Ao definir a concepção de letramento, Johns (1997, p. 2) afirma que ele tem a prerrogativa de ser mais inclusivo do que a expressão “leitura e escrita”. De acordo com a autora, o conceito de letramento contempla “modos de conhecer determinados conteúdos, linguagens e práticas” e se refere a “estratégias para a compreensão, discussão, organização e produção de textos”, além de ter relação com “o contexto social em que o discurso é produzido e com os papéis e comunidades a que pertencem leitores e produtores de textos”.

Um ponto de vista do que é a complexidade da noção de letramento é que este fenômeno, na verdade, envolve uma multiplicidade de práticas de leitura e escrita e não de uma prática universal e única. Segundo Johns, se pretendemos discutir letramento, “então o termo deve ser pluralizado (‘letramentos’), pois existem inúmeros letramentos, principalmente em contextos acadêmicos, e esses letramentos são adquiridos de diferentes maneiras e para diferentes fins” (1997, p. 3). Não é habitual, por exemplo, encontrarmos textos literários e textos da área de Engenharia com desenvoltura idêntica. Os letramentos, portanto, são complexos e plurais.

E é exatamente por ser considerado como um fenômeno ‘plural’ que devem ser problematizadas e indagadas as diversas facetas que o constituem e as motivações desse fenômeno ter se tornado tão presente no campo pedagógico. O termo letramento é complexo “por indicar a orientação e a constituição de pessoas marcadas pela história, por aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais” (FISCHER, 2008, p. 178).

Segundo Street (1984), existem dois modelos básicos de letramento: o modelo autônomo e o ideológico. No modelo autônomo de letramento, presume-se que a competência das habilidades de ler e escrever são suficientes para habilitar o indivíduo a resolver de forma satisfatória situações colocadas por uma sociedade letrada. Compreende-se, então, que todo indivíduo que está inserido em qualquer comunidade letrada possui algum tipo de domínio de conhecimento sobre a escrita que propicia sua vivência no espaço em que atua.

De acordo com Russell (2009, p. 399), o modelo autônomo compreende o letramento como uma habilidade única e descontextualizada, sujeita a ser movida de um contexto para outro sem grandes dificuldades. Diferentemente, o modelo ideológico põe em discussão “a natureza contextual e social das práticas de letramento e as relações de poder e autoridade que estão subentendidas em qualquer evento de letramento”.

Em conformidade com Marcuschi (2001, p. 2), a adesão a um entendimento como o modelo ideológico de letramento é inevitável, pois hoje não seria mais possível investigar questões relacionadas às práticas da escrita e leitura na sociedade “permanecendo apenas no aspecto linguístico sem uma perspectiva crítica, uma abordagem etnograficamente situada e uma inserção cultural das questões nos domínios discursivos”. O modelo ideológico tem o benefício de destinar mais atenção ao “papel das práticas de letramento na reprodução ou na ameaça das estruturas de poder na sociedade”.

Todavia, o requerimento de habilidades de uso da escrita dependerá das exigências próprias e das necessidades de cada comunidade discursiva. Isso será produto de uma relação progressiva dos participantes com os gêneros textuais, pois são eles que enunciam toda comunicação verbal, mesmo que haja um desconhecimento do que vem a ser gênero por parte dos interlocutores.

De acordo com Marcuschi (2002, p. 19) “os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social” e “contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia”. Assim, partimos do “pressuposto básico de que é impossível se comunicar a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto” (MARCUSCHI, 2002, p. 22). Dessa forma, pode-se afirmar que existe uma relação

mútua entre letramentos e gêneros nas diversas situações de comunicação, pois os gêneros são os mecanismos mediadores dos letramentos, que os indivíduos utilizam em dado espaço de interação.

Os gêneros, na visão de pesquisadores como Carolyn Miller, são formas de ação social; dessa forma, “adquirem significado da situação e do contexto social em que essa situação se originou” (MILLER, 2009, p. 41). Os gêneros estão presentes como instrumentos de mediação das situações sociais comunicativas e não podem ser excluídos delas. Dessa forma, se houver comunicação, haverá gêneros.

Segundo Bazerman, os “gêneros dão forma às nossas ações e intenções [...] são formas de vida, modos de ser [...] são os lugares onde o sentido é construído [...] moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos” (2011, p. 10, 23). Logo, se torna evidente que os gêneros estão ligados às relações de comunicação humana e é completamente impossível excluí-los delas.

Dentre os lugares que ocorrem as relações de comunicação, o âmbito acadêmico é um espaço em que muitas dessas relações são determinadas em padrões mais específicos. Toda comunidade discursiva emprega gêneros específicos que possibilitam a circulação entre as pessoas pertencentes a tal comunidade. Por exemplo, no setor administrativo de uma empresa, ofícios e requerimentos são exemplos de gêneros característicos do meio.

No ambiente acadêmico, exemplos de gêneros empregados são resenhas, resumos, fichamentos, artigos científicos e projetos de pesquisa. Essas “modelagens de gêneros-alvo, ou centrais” (FIGUEIREDO; BONINI, 2006, p. 427) são experiências a que os estudantes irão se expor criticamente de maneira a participar da esfera de atuação, nesse caso, a acadêmica.

Os gêneros, que propiciam a organização das atividades e a interação entre professor e aluno (HOFFNAGEL, 2010, p. 275), são ferramentas para a adaptação dos estudantes com os novos conhecimentos a serem adquiridos, bem como para facilitar uma postura coerente diante das situações vivenciadas no meio acadêmico de construção de conhecimentos profissionais.

Dessa maneira, o domínio dos gêneros acadêmicos, não só em suas propriedades prescritivas e formais, mas no conhecimento das funções, das relações de poder que envolvem a publicação, a produção, o contexto e o significado que os envolve, é preponderante para a integração do estudante nas práticas típicas do espaço acadêmico, bem como nas maneiras de agir e pensar característicos do ambiente. Nessa conjuntura, se espera que a leitura e a produção dos gêneros acadêmicos sejam um meio de “realizar linguisticamente objetivos específicos em uma situação sócio-histórica cultural que transcenda exigências avaliativo-acadêmicas” (FISCHER, 2007, p. 443).

Na seção seguinte, adentramos no conceito de letramento acadêmico, assumindo-o como modelo de prática social (LEA; STREET, 2014).

2 LETRAMENTO ACADÊMICO

Para compreender o processo de escrita acadêmica dos estudantes é preciso um olhar atento para o ensino superior no Brasil. Conforme nos mostra Assis (2014), foi a partir dos anos 2000, com a política educacional de democratização do ensino superior que possibilitou a ampliação de vagas nas universidades públicas e a concessão de bolsas (para estudantes oriundos da escola pública) para instituições particulares, que “um conjunto de ações de ensino e de pesquisa voltadas para a inserção dos estudantes no ensino superior, sobretudo no que toca à construção de conhecimentos para as práticas acadêmicas”, foi implementado (ASSIS, 2014, p.544).

É neste período de iniciação na vida acadêmica que os jovens se deparam com a leitura e escrita de textos acadêmicos com os quais, em geral, estão poucos familiarizados. Daí vem a necessidade da implantação de “disciplina dedicada à prática da leitura e escrita no primeiro ano de cursos de graduação, ora focalizando especificidades da leitura dos textos acadêmicos e estratégias para sua escrita, ora se dedicando à reflexão sobre a leitura e a escrita de maneira mais geral” (ASSIS, 2014, p.544).

Tais disciplinas se apresentam com o papel de preencher as lacunas do processo de formação da educação básica dos estudantes nos cursos superiores. “Sob essa lógica, portanto, as dificuldades dos estudantes são interpretadas como

deficiências deles e/ou de sua formação básica, e não necessariamente como inerentes à etapa de formação em que estes se encontram” (ASSIS, 2014, p.545).

Sustentados pelo ISD, podemos compreender que a escrita acadêmica é uma produção da atividade de linguagem oriunda de relações sociais. Desta forma, “O que deveria estar em jogo, portanto, seria a compreensão, por parte dos estudantes, dos processos interacionais, dos papéis comunicativos, das estratégias e recursos por meio dos quais se dá materialidade a um projeto de ação linguageira” (ASSIS, 2014, p.545).

Para Marinho (2010), entender a dificuldade dos estudantes com a escrita acadêmica como uma deficiência se justifica pela ideia de que se aprende a ler e escrever – independente do gênero – na educação básica. Para a autora, os professores universitários se surpreendem ao se depararem com alunos que são pouco familiarizados com os textos que circulam no ambiente acadêmico. No entanto, os gêneros acadêmicos não constituem conteúdo e práticas nas escolas de ensino fundamental e médio, mas em instituições de ensino superior, pois é o local onde são produzidos.

Segundo Bakhtin (1997), podemos compreender o domínio de um gênero como um comportamento social, ou seja, mesmo que um indivíduo domine a língua, ele pode ser inexperiente em determinado gênero. Para o autor, “são muitas as pessoas que, dominando magnificamente a língua, sentem-se logo desamparadas em certas esferas da comunicação verbal, precisamente pelo fato de não dominarem, na prática, as formas do gênero de uma dada esfera” (BAKHTIN, 1997, p. 303).

O autor ratifica que nestes casos não há um déficit de vocabulário, mas esta inexperiência no domínio do gênero acadêmico se deve à “falta de conhecimento do todo do enunciado que o faz inapto para moldar com facilidade e prontidão a sua fala e determinadas formas estilísticas e composicionais; por inexperiência de tomar a palavra no momento certo, de começar e terminar no tempo correto” (BAKHTIN, 1997, p. 303-4).

Garcia-Reis e Magalhães (2022) complementam:

A formação docente envolve práticas de linguagem próprias do contexto acadêmico e profissional em que os licenciandos estão inseridos, possibilitando-lhes produzir conhecimento no/sobre o espaço educacional pela via da pesquisa, gerado na intensa relação com as escolas. A interação por gêneros específicos dos letramentos acadêmico-profissionais pode ser utilizada como uma estratégia de formação, em uma prática relevante para o desenvolvimento docente e para a constituição da identidade (GARCIA-REIS e MAGALHÃES, 2022, p.2).

Sendo o ambiente acadêmico predominantemente marcado por discursos escritos, é importante “promover uma formação para o exercício da docência pela linguagem, considerando a diversidade de suas práticas, sobretudo as acadêmicas e as profissionais” (GARCIA-REIS e MAGALHÃES, 2022, p.6).

Dada a centralidade dos gêneros textuais e dos letramentos na nossa escolarização, conforme acima abordado, seja na escola básica seja no ensino superior, buscamos analisar, em seguida, as práticas de letramento e de gêneros vivenciadas por alunas de um curso de licenciatura de uma universidade pública em sua trajetória de escolarização. Tal análise poderá ampliar nossa visão de leitura e escrita e contribuir com nossas futuras práticas profissionais.

3 ANÁLISE DE EXERTOS DOS RELATOS DOS GRADUANDOS

Apesar de a leitura e a produção de gêneros acadêmicos serem de grande importância para o progresso e desenvolvimento do estudante na universidade, mais importante do que produzir gêneros é entender como eles funcionam na língua em uso (FISCHER, 2010).

Os gêneros são objetos indispensáveis e imprescindíveis na formação da identidade dos estudantes; mas, na maioria das vezes, os alunos não são muito bem informados sobre tal questão. Como consequência, a pouca (ou nenhuma) adaptação com os gêneros acadêmicos - o que é bastante natural - produz muitas dificuldades no processo de familiarização do estudante às práticas discursivas da universidade. Isso ocorre, dentre outras questões, porque os objetivos do uso da linguagem na esfera acadêmica são diferentes dos objetivos da esfera escolar.

Podemos perceber no excerto abaixo que o(a) aluno(a) deposita a expectativa sobre a leitura acadêmica na devolutiva dos docentes. Assim, Marinho (2010) explica sobre o caráter “compensatório” dos trabalhos acadêmicos como “oportunidade de recompor lacunas de um processo supostamente deficitário, de aprender aquilo que deveriam ter aprendido antes de entrar na universidade” (2010, p. 371). Desta maneira, há uma conduta discriminatória, pois como foi dito anteriormente, não basta ter domínio da leitura e escrita, mas dominar um gênero se trata de aprender práticas sociais do grupo onde este gênero predomina (BAKTHIN, 1997). Abaixo o excerto:

“Não sou muito de ler e muito menos de escrever, infelizmente não criei esse hábito e hoje sinto que vai me fazer falta, pois vou ter que criar esse hábito na marra. Eu li pouquíssimos livros; eu li uns romances e alguns da igreja. Agora que estou tendo contato com textos acadêmicos e sinto que fico um pouco para trás. Às vezes, não entendo nada e tenho que ficar voltando várias vezes para entender, mas eu pretendo me esforçar, me dedicar e prestar atenção na correção dos professores para que isso mude.” (Trecho 1 -Depoimento de estudante do curso de licenciatura, UFJF, 2022).

Quanto à percepção do(a) estudante sobre as suas próprias práticas de leitura e escrita na universidade, ele(a) avalia que há dificuldades quando solicitado(a) a ler ou escrever em alguns gêneros, por isso diz ter dificuldade com essa prática. Contudo, existe uma preocupação encontrada pelos estudantes que acabam de ingressar no meio universitário.

É um período em que os universitários se veem confrontados com os desafios de saber ler e escrever textos científicos. Nesse sentido, conforme o pensamento de Dabène e Reuter (1998, p. 5), o ensino superior “não é geralmente percebido como um lugar de situações específicas de ensino/aprendizagem: a imagem que prevalece é muito mais aquela de um espaço de transmissão de saberes, sem considerar as práticas”.

No entanto, podemos compreender que a leitura e a escrita, para ele(a), foram apropriadas como atividades que já deveriam estar consolidadas na entrada da vida universitária, pois sente que “fica pra trás”, o que nos leva a compreender que já deveria ter aprendido. Contudo, como sabemos, a entrada de uma pessoa em uma nova esfera requer uma apropriação daquele discurso. Além disso, as práticas escolares de letramento são muito diferentes das práticas na universidade, embora alguns gêneros possam estar presentes nos dois (como resumos, resenhas, provas, seminários). No entanto, a formação profissional priorizada na universidade requer

lidar com conhecimentos próprios e discurso singular, presentes na esfera acadêmica. Corroborando com este pensamento temos o trecho do excerto 4, no qual o(a) estudante ressalta que “acredito no ditado popular que afirma *ninguém nasce sabendo*” logo, é possível aprender sobre ambos, já que isto não é um dom e sim uma habilidade adquirida com a prática e o tempo” (Trecho 4 - Depoimento de estudante do curso de licenciatura, UFJF, 2022, grifo nosso), demonstrando seu entendimento sobre a importância das experiências sociais no meio onde o gênero acadêmico circula.

Gostaríamos de comentar também sobre este trecho:

“Quando eu entrei na faculdade, eu tive mais contato com textos acadêmicos. Com isso, nos dois anos que eu passei na Filosofia, eu só lia filósofos e textos acadêmicos. Na Filosofia, como as provas eram quase todas dissertativas-argumentativas, a minha escrita era treinada o tempo todo e eu nunca tive problemas de compreensão ou de erros de português na escrita.” (Trecho 2 -Depoimento de estudante do curso de Pedagogia, UFJF, 2022).

A partir dele, trazemos Kleiman (2007), que nos ajuda a compreender sobre a relevância de proporcionar aos estudantes modelos. No entanto, a autora pondera que não se trata de replicar formatos de texto, mas experiências que contribuem para a reflexão e para a reconstrução textual. Seguindo este viés, Garcia-Reis e Magalhães complementam ressaltando sobre o papel da formação do professor que “podem fortalecer as atividades profissionais futuras, ao criar oportunidade de apropriação crítica da linguagem em contexto de letramento acadêmico e profissional, mediados por reflexões que problematizem tais práticas” (2022, p. 9).

Deste mesmo trecho, o fragmento “a minha escrita era treinada o tempo todo e eu nunca tive problemas de compreensão ou de erros de português na escrita”, é possível observar a concepção de aprendizagem da língua que este(a) estudante construiu. O processo de apropriação da escrita é processual e construído pelas experiências culturais dos sujeitos. Portanto, esta apropriação é mecanismo de socialização, pois os mais experientes “integram os recém-chegados ao conjunto de pré-construídos disponíveis no seu ambiente sociocultural” (BRONCKART, 2006, p.129).

A narrativa do(a) licenciando(a) vai ao encontro do modelo de socialização acadêmica proposto por Lea e Street (1998), partindo do pressuposto de que os

gêneros são estáveis e dominando as regras básicas de escrita seria suficiente para produzir textos em contextos diversos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, de caráter teórico-reflexivo, procuramos discutir como é concebido o processo de letramento acadêmico, analisando os discursos produzidos por alunos do primeiro período de um curso de licenciatura da UFJF. Levando em consideração que os gêneros e letramentos acadêmicos são de significativa importância na construção da identidade dos estudantes, para a obtenção e expressão de conhecimentos e ideias com o objetivo de se ter uma participação competente dentro e fora dos limites da esfera acadêmica, esperar-se-ia que os professores universitários tivessem essa compreensão, para atuarem na relação ensino-aprendizagem.

Os dados analisados revelam que os discentes utilizam como possível explicação das dificuldades na produção de textos acadêmicos sua trajetória escolar e bagagem de leitura até a chegada à universidade, o que se trata de senso comum. Também foi possível observar a necessidade do ensino dos gêneros acadêmicos, pois são textos que circulam em uma situação social específica (o meio acadêmico), portanto, não trabalhados na educação básica.

É importante ressaltar que a análise dos excertos como objeto de reflexão não representa que compreendemos a escrita como imutável, pelo contrário, os discursos são cheios de significados culturais, sociais e históricos e é nesse sentido que os problematizamos nesta reflexão.

Referências

ARAÚJO, D; SILVA, E. Letramento, um fenômeno plural. Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande, 2012.

ASSIS, J. Ações do professor e do universitário nas práticas de ensino e de aprendizagem da escrita acadêmica: o papel da avaliação e da reescrita no processo de apropriação do gênero resenha. Revista Eutomia, <http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/issue/view/34/sho>, v. 1. Universidade Federal de Pernambuco, dezembro, Recife, 2014.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Trad. do francês Esthétique de la création verbal).

BAZERMAN, C. Gênero, agência e escrita. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BRONCKART, J. P. Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano. Trad. Anna Raquel Machado e Maria de Lourdes M. Matencio. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

DABÈNE, M; REUTER, (Ed.). Pratiques de l'écrit et modes d'accès aux savoirs dans l'enseignement supérieur, Lidil, Grenoble: Université Stendhal, n. 17, 1998.

FIGUEIREDO, D; BONINI, A. Práticas discursivas e ensino do texto acadêmico: concepções de alunos DIÁLOGOS – Revista de Estudos Culturais e da Contemporaneidade – N.º 9 – Maio/Junho - 2013 36 de mestrado sobre a escrita. Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 413-446, set./dez. 2006.

FISCHER, A. Letramento acadêmico: uma perspectiva portuguesa. Acta Scientiarum: Language and culture. v. 30, n. 2, 2008.

FISCHER, A; DIONÍSIO, L. Literacia(s) no ensino superior: configurações em práticas de investigação. Actas do Congresso Ibérico. Ensino Superior em Mudanças: Tensões e Possibilidades. UM. CIEd. Braga, Portugal, 2010.

HOFFNAGEL, J. Gêneros discursivos e a universidade. In: HOFFNAGEL, Judith.

JOHNS, A. M. Text, role and context: developing academic literacies. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

KLEIMAN, A. B. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. Revista Signo, Santa Cruz do Sul. v.32, n.53, p.1-25, dez, 2007.

LEA, M.; STREET, B. O modelo dos letramentos acadêmicos: teoria e aplicações. Trad.: Komesu e Fischer. Revista da USP, v. 16, n. 2, p. 477–493, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/79407>. Acesso em: out. 2022.

MARCUSCHI, L. A. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MARINHO, M. A escrita nas práticas de letramento acadêmico. Revista Brasileira de Linguística Aplicada. Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 363-386, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/447V3NsPPCpdQNBfgGLdd8n/abstract/?lang=pt>. Acesso em: out. 2022.

ROJO, R. Letramento escolar em três práticas: perspectivas para a multivocalidade. Revista da Anpoll, [S. l.], v. 1, n. 11, 2001. DOI: 10.18309/anp.v1i11.586. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/586>. Acesso em: 22 dez. 2022.

SILVA, M. C.; BOTELHO, L. S.; OLIVEIRA, M. C. C. A produção de resumos acadêmicos na universidade: percepções de modelos de ensino-aprendizagem na perspectiva dos letramentos. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, v. 60, n. 2, p. 580-594, mai./ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/zBRxjr5GLSxyPvg58yVnh9t/>. Acesso em: out. 2022.

TERRA, M. R. Letramento e letramentos: uma perspectiva sócio-cultural dos usos da escrita. D.E.L.T.A., v. 29, n. 1, p. 29-58, 2013.

